

LYNCEO BRAGHIROLI



Possui doutorado em Engenharia de Produção (2014) e mestrado em Engenharia de Produção (2009) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e graduação em Engenharia de Produção Mecânica pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007). Exerce atividade docente desde 2011, e passou a integrar o Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas da Universidade Federal de Santa Catarina em 2018. Suas áreas de interesse estão ligadas ao desenvolvimento computacional e uso de métodos quantitativos para tomada de decisão. Atuou em temas como simulação, otimização, empreendedorismo digital enxuto e ensino de engenharia. Dedicar-se atualmente ao desenvolvimento de sistemas computacionais para o planejamento e acompanhamento da gestão dos serviços de atendimento em distribuidoras de energia elétrica.

Por que escolheu a engenharia?

Engenharia de forma geral é aquela regra básica: afinidade com disciplinas quantitativas. A partir daí eu já tinha um escopo bem delimitado. Outro aspecto que era um pouco equivocados é que outras áreas pareciam ter um contato maior com as pessoas e que a engenharia não tinha tanto, o que de fato não é verdade, pois por mais que pareça. Mas, percebi que, independente da área profissional, a interação interpessoal sempre esteve presente. A produção, em particular, eu escolhi principalmente pela questão do empreendedorismo ou do meio industrial, trabalhar com empresas que surgiam. Na época, tratava-se de uma engenharia nova e parecia algo promissor, na minha perspectiva.

O que mais te encanta na Engenharia de Produção?

Uma das coisas que eu vim a descobrir bem mais tarde, depois de formado, era saber efetivamente qual é o objeto de estudo da produção. Pois por mais que na graduação nós estudamos os sistemas produtivos, etc. a questão era ter bem claro qual é o objeto de estudo da engenharia de produção, um ponto que é bem importante. De forma bem resumida, a produção, é razoavelmente não trivial perceber que uma empresa é um sistema produtivo. Mas até aí, isso é só uma frase. Conseguir perceber qual é a mágica que o Engenheiro de Produção tem que fazer é o ponto central para o objeto de estudo que são os sistemas produtivos. Imaginem que vocês têm que ir de bicicleta daqui até o Campeche. Então, você pega a bicicleta e pedala até o destino sem muitas dificuldades. Agora, você separa todas as peças, coloca



CONHEÇA SEU PROFESSOR

dentro de uma caixa, chacoalha e tente ir até o Campeche. Percebe que o sistema torna-se muito mais complexo simplesmente pela falta de organização entre as peças? O desempenho e os esforços são totalmente distintos. E um sistema produtivo ocorre de forma semelhante. A arte da Engenharia de Produção é saber organizar essas peças de modo coerente. A mágica está em colocar todas as peças nos seus devidos lugares. Por isso eu digo que não é muito trivial porque não é fácil perceber a hora em que a mágica acontece. E as ferramentas da Engenharia de Produção auxiliam na coordenação do sistema.

E por que escolheu ser professor?

É meio natural. Dentro do processo de “estudar”, naturalmente acho que acontece uma combinação das duas coisas. Por estudar, e por querer discutir com outras pessoas aquilo que se estuda, você acaba ensinando. Mais no mestrado e no doutorado, começaram a aparecer oportunidades voltadas mais para a questão do ensino, de ser professor. Particularmente, gosto do ambiente da academia, da universidade, pois nos mantém atualizados. Também acontece na indústria, mas em geral, o ambiente universitário é mais jovem. Também, a percepção de uma certa paciência para explicar a mesma coisa. Talvez eu tenha percebido em mim um conjunto de características que me possibilitavam ser um professor. Essa decisão, por mais que não tivesse sido um plano A no final da graduação, tornou-se natural por eu simpatizar com essa atividade. Mas na virada para o doutorado tornou-se uma opção bem concreta. Além disso, acabei vinculando a pesquisa que eu fiz no doutorado com a docência e a parte de ensino, pois uma vez que eu me propunha a ser professor, querendo ou não o conteúdo é algo secundário. Primeiro você é professor, depois é professor de uma matéria. E a partir daí comecei a entender mais o ensino.

Como é, para você, ser acadêmico e depois dar aula na mesma Universidade?

É bastante curioso. O primeiro aspecto que vem a mente é que a mudança mais significativa é descobrir a quantidade de coisas que o professor tem que fazer além de dar aula. Sobre a interação com outros professores, eu fico muito feliz de estar de volta aqui na UFSC, pra mim, é objeto de orgulho. Fico feliz em ter colegas que conviveram comigo durante a graduação e que agora também são professores. E tem também os professores que foram meus professores, que nesse pouco tempo na UFSC não tive tempo de interagir muito com eles. Mas tenho muito orgulho de ser professor do curso aqui na UFSC e saber que muitos alunos farão a diferença no futuro.

Para você, o que é mais gratificante na sua profissão?

Isso acaba caindo muito na dimensão pessoal. Acho que a atividade fim da universidade é o que se mostra sendo mais valioso: o processo de contribuir para o aluno na sua formação. Esse processo de poder interagir com outras pessoas, e ajuda-las a amadurecer através do processo de estudo. E muitas vezes não ocorre dentro da sala de aula. É você saber que está ajudando o aluno a dar um passo a mais. Trata-se de uma troca entre pessoas, e que deveria ser mais valorizada. A Universidade tem uma interação muito mais direta e objetiva.



CONHEÇA SEU PROFESSOR

E quais as dificuldades que enfrenta no dia a dia?

Tudo acaba sempre se resumindo na questão de gerenciar as diferentes dimensões que o cargo de docente na Universidade implica, né? Nas quatro dimensões: ensino, pesquisa, extensão e gestão. E a maior dificuldade é manter as atividades rodando nessas quatro dimensões, que acabam gerando um problema de agenda. Depois vem os pormenores, do que cada dimensão tem de prós e contras. Para ensino, tem um mindset, pra pesquisa tem outro, para extensão tem outro, e assim por diante. Saber conciliar essas áreas é a maior dificuldade.

Qual conselho você daria para quem planeja seguir essa carreira?

A questão chave é as características pessoais que demandam essa atividade. Hoje, particularmente sou bastante satisfeito com a minha profissão, e ela não tem um ônus do ponto de vista psicológico, não é um peso para mim. As minhas habilidades naturais permitem executar a profissão sem estresse. Existem pessoas que não têm perfil para esse tipo de coisa. A questão chave é a paciência, de não se esgotar rapidamente, achar que todos vão entender as coisas de primeira, e não vão. A minha dica para quem quer ser professor é a pessoa verificar se as suas características pessoais casam com esse tipo de exercício. Habilidades como conciliar as coisas, saber transmitir claramente o seu conhecimento e ter curiosidade em se atualizar constantemente.

Como é sua relação com seus alunos?

Sala de aula é aquela história, né? É tudo meio que ensaiado (risos). Eu geralmente procuro interagir com os alunos de forma mais transparente possível e tentando fazer sempre a parte que me compete. Tento entregar pro aluno o conhecimento e mostrar para ele os problemas e o que cada disciplina tem para entregar e como isso vai contribuir para ele. A forma como isso é recebido varia bastante, eu diria. Nunca tive problemas com nenhum aluno em sala de aula e da forma como as coisas foram passadas. Lembrando de outros professores da minha graduação, eu diria que é uma interação boa. É ter alguns momentos que os alunos possam interagir com o professor.

O que você espera de um aluno seu em sala de aula?

Para mim, a característica fundamental é o interesse. Se existe minimamente o interesse, todas as outras características necessárias aparecem. Com o interesse, vem o respeito, a disciplina, etc. Me parece que os bons alunos têm o interesse como uma característica naturalmente, independente da disciplina. Infelizmente, há ainda muitos alunos que não tem interesse em sala de aula. É você ter vontade em aprender coisas novas e ter os momentos de entendimento. Não sei em que grau está ligado à característica da pessoa. É só no futuro que você tem noção do quanto você aprendeu aqui. A motivação que traz o aluno para dentro da sala de aula mostra a importância que o aluno dá a estar nesse lugar. Acredito que isso vai surgindo da metade do curso para frente, ou ao menos é o esperado.



Como o mercado recebe o profissional de engenharia de produção formado pela UFSC?

Não cheguei a trabalhar com carteira assinada, vínculo, etc. Eu acho que o mercado reconhece a formação dos alunos formados aqui pela competência dos alunos. É um reconhecimento pelos alunos que passaram por aqui antes, dedicação deles, interesse deles em estudar e se tornar competentes naquilo que estavam fazendo, além dos professores que participam e participaram desse processo. Existe um delta entre um engenheiro que se forma e um engenheiro que tem proficiência na execução da sua atividade. Todo engenheiro que acabou de se formar dificilmente já tem uma maestria na solução de determinado problema. Há um tempo – que varia de caso a caso – para isso acontecer, para você determinar e solucionar efetivamente os problemas. De qualquer forma, há muita informação que vocês carregam, e esse delta faz com que você se aprimore na execução de determinadas ferramentas.

Como foi sua experiência na faculdade? Que tipo de aluno você costumava ser?

Acho que isso é meio unânime. Quem se torna professor na universidade, via de regra teve uma boa experiência aqui dentro. Mas aqueles alunos que tiveram uma experiência ruim, sempre num calor, uma correria para fechar o semestre, não teriam a intenção de ficar aqui. Eu, naturalmente, era um aluno interessado. Participei de outras atividades fora de sala de aula. Interagi bastante tempo com o SIMEC, que é um laboratório da mecânica, que me ajudou com habilidades de programação e que me são muito úteis hoje. A EJEP foi outra oportunidade. Não quer dizer que nunca saíamos para tomar uma cerveja, tem tempo também para isso, obviamente. Uma pessoa não pode fazer força o tempo inteiro. Uma hora ela tem que relaxar para poder fazer força de novo. É saber equilibrar as coisas. Quanto aluno, era uma pessoa dedicada, interessada pelas disciplinas, tinha um senso de autodisciplina, de que se tem um trabalho para entregar, devo entregar.

Algo de que se orgulha?

Estar aqui na UFSC para mim é motivo de orgulho e satisfação. Por mais que as coisas ao longo da vida acabam acontecendo naturalmente, a cada passo que a gente dá, parece que é um passinho. E estar aqui, conseguir vir para cá, estar em uma das melhores universidades do Brasil é motivo de orgulho, de reflexão. Do ponto de vista profissional, foi a minha maior conquista até hoje. A vida pessoal tem as suas características, como ser pai, dando em primeira mão para vocês, está começando a se tornar uma realidade para mim.

Como é você fora da universidade?

Eu não sou uma pessoa assim de me relacionar muito facilmente. Não sou daqueles que estão na fila do banco e começa a conversar, a puxar assunto do nada (risos). Pelo próprio exercício da profissão, eu interajo com o mundo muito intelectualmente, vejo o propósito das coisas. Sou mais restrito. Procuro tratar as pessoas com bastante respeito, mas não me apego muito fácil as coisas, e daí vem a questão de utilidade.



CONHEÇA SEU PROFESSOR

Filme e livro favorito?

Olha, não tenho nenhum filme ou livro que eu diga que quando vi/li tive vontade de ler mais uma vez. São coisas para mim bem passageiras. Um momento de entretenimento, não algo que me marque e que eu tenha apego ou valor sentimental por longo tempo, embora assisto bastantes filmes e leio muitos livros. Nesse processo de reflexão intrapessoal, tem dois livros que me vem à mente. Um deles é a reflexão de um escritor sobre a dificuldade que é escrever. O nome do livro é: "A guerra da arte", de Steven Pressfield. O outro livro já é para abrir um pouco mais a cabeça. É chamado "A arquitetura do eu", de Leonardo Mascaro. É um livro que fala um pouco sobre o processo de meditação, mas dentro de um caráter um pouco mais moderno, mostrando um pouco sobre como o cérebro funciona. Eu gosto dessas questões comportamentais/pessoais.

Um ídolo?

Não tenho ídolos. Não me apego muito às coisas. Para mim, na minha perspectiva, é que as coisas aqui são tão efêmeras e passageiras, que o enaltecimento de algo/alguém me parece sem propósito. Estamos aqui experimentando um desenrolar de eventos que se sucedem me parecendo não termos tempo para enfatizar certas coisas e mantê-las vivas. Eu, particularmente, não me vinculo, não torno rígida a minha estrutura interna. A referência de alguém, por mais importante que seja, não me parece importante, por enrijecer parte desse processo.

Uma frase que você gosta?

Sei que já ouvi reflexões boas. No momento não me recordo de nenhuma. Eu diria como uma reflexão, não como uma frase de efeito. Embora alguma expresse a mesma coisa que eu quero colocar, mas eu acho que para mim um ponto extremamente importante de reflexão, é isso que está conosco, que vai além da profissão: acho que todos devem ter em mente a importância do que está acontecendo no momento presente. A gente normalmente experimentando uma quantidade muito grande de informações, e acaba se perdendo nessa história e se desconecta do momento presente. A gente acaba vivendo no piloto automático e acaba vivendo papéis e se desconectando do momento presente. Acho que manter-se vigilante sobre o que estamos vivendo e o que está acontecendo no momento presente é uma característica que é importante para qualquer pessoa que queira responder qualquer uma dessas perguntas existenciais: viver agora!